

Trimestre.....	28000
Semestre.....	55000
Anno.....	88000

O PENSADOR.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

Officio dos cinco papéis de Stuttgart, etc. (conferencia) para ver a doutrina, de seguida a homagem, de seguida de circumstantias a ver.

St. Paulo, 27 de Agosto, Epistola Cap. V, v. 15.

Maranhão, 20 de Dezembro de 1880

Propriedade de uma associação

AVISO.

As nossas dignas assignaturas.

Distribuímos hoje um suplemento — A Imprensa e O Pensador — e com elle o mimo que havíamos promettido.

O PENSADOR.

MARANHÃO, 20 DE DEZEMBRO DE 1880.

Que multidão é esta que se apinhava na praça? Que gritos, que celebração enorme se eleva para o céu? Que tempestade de sons romos e desabridos que apitam os ares?

— Não sabeis? — E o povo que vem assistir a um espectáculo soberbo. — O povo que vem ver a última scena de um drama de sangue. — A humanidade que a olhos enxutos e batendo palmas vem contemplar a suprema agonia de um homem. — A plebe que vem applaudir á morte de João Huss. de João Huss que tentou libertar-la.

E vêde que febre immensa — a da curiosidade n'esses cambaões que ali estão reunidos para ver morrer um homem! Que delicias não sonham na perspectiva antecipada do quadro em acção que vai desenvolver-se! Oh! como a Egreja comprehendeu que esse povo embriagado pela servidão seria o primeiro a applaudir na sua obra de trevas!

Sim, João Huss vai morrer. Morre para expiar um crime. Ousou dizer que os Papas eram infames. Sustentou que a moral do Christo não é a catholica. Chamou aos sacramentos de que a Egreja se serve — meios ardilosos de roubar o diabinho aos fies. Disse que Roma era um centro de corrupção. Blasphemou contra o Santo Vigário de Christo na terra... E justo que morra nas torturas.

Vão-no fazer morrer. E a morte que lhe prepara é uma morte de luz. Olhai para o meio da praça. Vede a fogueira que ali se apparella. Essa fogueira é para João Huss. A Egreja é clemente. Reserva-lhe um supplicio brando. Encarrega a fogo de ser o algar do heresiarca.

E vêde: eis-o que avança entre duas alas de sacerdotes. A hora da sua morte sou. Caminha para a pyra que o aguarda. Vai vestido á rufânica. Olhai para a mitra que a cabeça lhe cobre. Vede aquelles diabos e chammas que ali estão pintados. Admirai como a Egreja a esta hora solenne sabe aliar o grotesco ao horrivel. Confessai que essa mitra burlesca é a gargalhada por ella solta nas faces da humanidade. Pesando Catholicismo que torto o rizo accessorio da morte.

E João Huss aproxima-se da fogueira. Ao vê-lo caminhar sereno, um freio de admiração percorre o populeo. Um silencio enorme rebenta ali decrepito. Todos os que contemplam caldam-se.

A jornada está porém terminada. O heresiarca acha-se junto da pyra em que vai ser consumido. A ordem do seus carceiros sobre esse monculo de madeira. Os algozes amarraram-no a um poste que está erguido no meio. Então o supplicio vai começar.

Um ministro de Deus pega n'uma tocha. Com ella vai cumprir a sua missão.

Vai legar fogo a pyra. Os sacerdotes entoam: *Desprofano* ao qual respondem os cantos do supplicado.

E o fogo atea-se. Abala-se violento e indomito. O vento entretém-no com seus pulsoes incangáveis. As primeiras chammas elevam-se e vão beijar os pés de João Huss. Bejo tremendo que lhe desorganiza as carnes — osculo sinistro que lhe carbonisa os membros.

Quantido a victima continua a cantar. Mas as chammas augmentam, e acenam por envolver-a. Não ouvis aquella choir de carnes consumidas pelo fogo? Não escutais aquella estalar de ossos? Não sentis esse cheiro acre e nauseabundo? Não vedes aquelle corpo infame que se agita no meio das chammas? — Olhai bem. Que espectáculo angustio! Como é bello ver morrer aquelles que usaram d'averdade a autoridade infallivel da Egreja!

E o supplicio toca a seu fim. Os cantos de João já cessaram. O que vides n'aquella fogueira já não é elle. E seu corpo carbonisado. O grande espirito que o animava desapareceu. A Egreja consumou sua obra sinistra. Seu adversario morreu-lhe nas mãos. Ouvi como seus ministros soltam gritos para o céu! Vede como o povo os olha pasmo e estúpido. Reparai na alegria com que os abafes de Roma contemplam as cinzas do seu inimigo. Que santo jubilo se lhes apodera da alma! Sim, essas cinzas nemlha receto inspiram, e João Huss fazia trem...
Porém não: essas cinzas vão ser productivas. Esse residuo de uma combustão humana vai ser o germem de um incendio futuro. Nas cinzas de João Huss está a scintilla que ha-de acender a Reforma.

A liberdade é como a phenix. Renasce das cinzas.
João Huss foi o precursor da Libertad.

Suffocar o brado da razão por meio de uma morte ignominiosa foi sempre a tactica infame do espirito sacerdotal. Assim Socrates morre na Grecia por ter a audacia de pensar: Assim Christo succumbiu na Judia por tentar dar ao povo a liberdade.

Quando a eloquencia de Lutthero resonou na Europa como ventada que vinha aliar o throno dos reis e dos Papas, o receio, o medo, o horror, que se apoderaram dos monarches e da Egreja, fez-lhes surgir no animo a satânica idea de fazer morrer o reformador. Fazer d'elle um João Huss, tal foi o pensamento sinistro que se apouso do Papado.

E o Papado tinha um instrumento á mão para realizar seu intento. Era um monarcha, um heros de despoticismo, que agilhioava a Europa, Chamava-se Carlos V. Era um successor dos Cesares. Era um continuador d'essa obra de trevas — despoticismo romano. Era um homem tablado para fazer rojar a humanidade a seus pés.

Foi este monarcha que convenceo a dieta de Worms. — Elle que quiz fuzgar Lutthero a retrahisse — Elle que pensou d'acordado com a Egreja em dar o martyrio ao reformador. Foi elle que pretendia roubar ao genero humano a luz d'essa aurora regeneradora.

Porém Lutthero foi mais forte que o monarcha. Tinha por si uma força enorme. Essa força era o povo que electrizara o seu verbo. — O povo que queria ser livre. — O povo que começava a sair das trevas da ignorancia. — O povo que

s'incarnava n'elle, á espera de uma encarnação mais augusta — noventa e tres.

A Reforma não é simplesmente Lutthero. O grande reformador não é senão o seu ponto culminante. A Reforma é o Hymnia do pensamento. Lutthero — o seu Guaranskar. A Reforma é o povo que pensa e que sacode de seus membros essa lectura — Egreja Romana. A Reforma é o Niagara de luz que do infinito jorra sobre a fronte da humanidade. A primeira vaga d'esse rio que se despeja n'ella é Lutthero. A reforma é o heijo de amor que o bem despe nos labios do genero humano. A Reforma é o brado de guerra das multidões que viviam em escravidão. Lutthero — a primeira nota d'essa symphonia gigante.

E Lutthero não podia morrer em Worms. Para mal-lhe necessario era exterminar o povo de que era cabeça. Esse exterminio era um impossivel. Não se mata um povo como se mata um homem. A humanidade escravisa-se, mas não s'extermia. Uma guilhotina para o genero humano — eis um impossivel para os tyranos.

Desde que a Egreja se enthronisara no orbe a humanidade gemia. O throno dos Papas era um pezoado monolitho que esmagava a razão. A doutrina catholica — uma mastorra para as consciencias. Os sacramentos da Egreja — as algemas das metes. A idade media fora uma cadeia de chumbo que suffocava o pensamento. A intolerancia do Papado — o cavalleto em que se haviam atado as gerações. A corrupção do sacerdotio era a lepra funesta que vitava o organismo humano. Mas apesar d'essa tempestade da mal que baixava á terra a humanidade caminhava para o porvir. Os obstaculos que se lhe oppunham no desenvolvimento eram impotentes para lhe fofhor a marcha da liberdade. A liberdade era o vapor que animava essa locomotiva cujas caldeiras haviam sido arreas no Calvario. A locomotiva fluiu que marchar. Sua marcha seria uma progressão enorme de movimento. A Reforma é a rail d'essa marcha que ate alli caminhara desordenada. Esse rail ha-de levar as nações a essa gare de luz — noventa e tres.

O enorme rail não foi sentado só por Lutthero. Elle aprós foi o engenheiro d'esse desenvolvimento gigante. Os operarios foram as nações que resurgiram do fundo cavado pela ignorancia. Os trabalhadores — os povos que a luz da imprensa osculara. A estrada immensa foi aberta pela humanidade. O edificio que impossibilitava o throno era o Papado. Foi no Papado que a humanidade declarou guerra.

Lutthero só foi o Lesseps da Reforma.

Uma revolução é um contagio de luz que se apodera dos povos. A primeira a epidemia é lenta, vagarosa. Mas os orgãos mais secretos e recalcados. Porro a penca vai havendo e extendem-se por todo o corpo. Um dia enfim apparece-lhe no exterior os primeiros symptomas. O pensamento humano — esse Jehovah que fez jorrar a sciencia no globo terrestre, sentira havia seculos atear-se nas veias a febre da liberdade. A febre porém permanecia latente. Um dia o Papado lembrou-se de tocar-lhe o pulso. Atira-lhe a venda das indulgencias. As pulsações então augmentam. A febre arrompe no exterior. As veias da humani-

dade entumescem. A crise da febre chega. Essa crise é a Reforma.

E é uma crise salvadora. O sangue da humanidade estava corrompido. A Egreja concluzia as nações a um abysmo de gangrena moral. Os glandios do sangue haviam sido substituidos pelos dogmas do Catholicismo. Nenhum organismo se mantem por uma circulação de absurdos. O absurdo é a molpha do mundo intellectual.

Porqoso era pois expulstar esse virus que contaminava os povos. Necessario expulstar esse fermento de putrefacção que amarejava invadir todos os orgãos. Se o absurdo desse mais um passo, o Catholicismo poderia lavar o epidemio da humanidade.

Mas não: o absurdo vai perder o throno que os Papas lhe deram. A voz da Reforma expulsa-o. Não o mata: mandal-o fugir. O virus morpheico abandonou os orgãos essenciais. A voz do pensamento humano impellido pela liberdade os dogmas cometeu a retirada. Passou a hora do seu dominio, e os povos preparam-se para fazel-os comparecer no tribunal da razão.

O Papado — esse colosso d'infamias que escende os horizontes do futuro, o Papado sente que o pedestal lhe foge debaixo dos pés. A ignorancia que lhe servia de penida vai desaparecer da face do globo. Ante elle ergue-se um outro colosso — um colosso de luz. É a sciencia que surge brilhante tendo na mão o gladio da liberdade. — O espirito humano o que se precipita na voragem que se chama progresso. — A intelligencia que se arremessa a esse Malacstrom d'ideias — perfectibilidade.

E a Egreja treme. Ella que matara João Huss não pode matar o pensamento humano. Não a pouca em Worms Lutthero fugir-lhe das garras. Vio a humanidade empunhada na causa do reformador. Tentara com o auxilio da monarchia obstar aos progressos da Reforma. A monarchia foi impotente. Não conseguia arrancar a Lutthero um dolo. Debalde o ameaçou. A ameaça fez rebentar uma gargalhada na bocca franca do povo. O povo riu-se de Carlos V e de Leão X. O rizo ali era a rajada no Oceano — o prenuncio de uma borrasca.

E a borrasca avistava-se. Zwinglio na Suissa arvorou o pendão da liberdade do pensamento. Calvino dava no sentido moral os seus primeiros passos. O povo que só tinha um verbo, tem junto de si a eloquencia de dois grandes homens. Lutthero tem auxiliares. A Reforma tem generaes.

O edito de Worms que proscrevera Lutthero, transformou-se n'uma peqa canção de liberto burlesco. Nesse liberto o Pierrot é Leão X; e o Polichinello — Carlos V. O povo applaude as farsas de um de outro, e pela primeira vez sanda com uma gargalhada aquillo que ate alli lhe tinha fudo delemar lagrimas. Vê os liberos dançarem á voz de Lutthero, de Zwinglio, e de Carlos soberanamente ridiculos.

A queda dos tyranos tem sempre alguma causa de protesto.

O Voltairo que os mette a ridoendo é o povo.

O edito de Worms, que proscrevera Lutthero, tal como se apresentou aos povos, é um d'esses decretos que fazem rir. É o symptoma claro e evidente da fraqueza da monarchia e da decalencia da Egreja.

A IMPRENSA E O PENSADOR.

(SUPPLEMENTO AO N. 14.)

UM TESTEMUNHO DE GRATIDÃO.

Este aditivo ao nosso jornal tem um fim unico e simplissimo. E' apresentar aos nossos leitores o juizo que a imprensa ha expellido a nosso respeito.

Á primeira vista uma tal publicação parece um acto de vaidade; producto de um amor proprio excessivo. Enganam-se porem os que assim pensarem. Não é a vaidade que nos impelle; é cousa mais digna — o reconhecimento.

Acollido pelo publico maranhense com applausos quasi unanimes, cabe ao *Pensador* um dever. Este dever impõe-se de sua mesma natureza. E ser digno dos applausos recebidos.

E como ser digno? E como mostrar que o publico não se enganou acollendo-nos bem?—A isto só temos uma resposta. É mostrar que o sentimento do publico maranhense foi o mesmo que o da imprensa. Assim provamos ao publico que não se enganou; assim mostramos que a imprensa foi a verdadeira expressão da opinião publica.

O que acabamos de dizer é uma necessidade. Necessidade porque os artigos que se seguem são de elogios. Publicar elogios ou louvores é propria individualidade sem um motivo justificavel é atufar-se n'uma lodaçal de ridiculo. Deixamos isso ás mediocridades atrevidas, aos espedaçadores andazes, que não temem o ridiculo quando põem em jogo o interesse. Quanto á nós tal papel não nos convem. Somos pequenos, mas preferimos a pequenez a uma grandeza emprestada e portanto ficticia.

Todo o enuncio deve porem ter uma resposta da parte do louvado. Agradecemos portanto á imprensa que com benignas expressões nos acolheu. Este agradecimento é filho da gratidão que por ella sentimos. Não é só da gratidão—é da estima. Aquelles que louvam o *Pensador* é que lhe partillam as ideias, é que lhe abraçam a causa. São fillos do século—São homens que pensam e que têm a coragem das suas convicções. Estes homens é que desejamos encontrar n'esta terra de luz—o Brasil, n'esta terra que precisa de operarios para o seu porvir. E o porvir do Brazil deve ser um porvir de liberdade, deve ser a abolição de todas as escravidões que lhe enlutam o seio. Não é o porvir exclusivo de uma nação;—é o porvir da humanidade. A ideia de acção haçê é uma simples noção politica. O nosso seculo só conhece um povo—a humanidade. Honra áquelles que lhe alargarem os horizontes.

Mas agradecendo á imprensa que se dignou benevolamente tratar-nos como esquecer-nos do publico maranhense? Como esquecer-nos d'aquelle a quem tudo devemos?—Não;—esse esquecimento não pode nem deve ter lugar. O *Pensador* é filho do povo d'esta generosa provincia. Foi este povo que lhe deu a vida no dia que lhe concedeu assignatu-

ras, que lhe deu a luz quando se dignou lê-lo. É dever de todo fillo ser grato a seu pai. Nós somos gratos ao povo.

Accepte-nos elle a gratidão. É a moeda mais digna em que lhe podemos pagar. Vá essa gratidão d'envolta com a sua estima, consideração e respeito.

O povo que não-a recella com benevolencia.

TRANSCRIPÇÕES

D'O *Echo de Lima* n.º 1429 (Portugal.)

O *PENSADOR*—É assim que se intitula um periodico que principiou a publicar-se no Maranhão e cujos primeiros numeros temos diante de nós.

O Brazil é a terra bem falada dos arrojados do pensamento.

Desde aquelle immenso relampago que se apagou e que teve por nome na terra Manuel Antonio Alvares d'Azevedo, um colosso do genio, a maior alma de todo o Brazil, capaz de absorver com um só traço o universo, pôde dizer-se que a litteratura e o pensamento brasileiro-se tem atreído ás nuvens n'uma carreira vertiginosa.

O *Pensador*, pode bem dizer-se, é um dos primeiros orgãos da imprensa brasileira que marcha na vanguarda d'essa onda colossal.

Quasi tudo quanto lemos nestes primeiros numeros vem muito bem escripto. Sentiu-se ali uma alma que se exaltou diante do fulgor brilhante, radioso do novo sol que vem grandiosamente surgindo além.

Palpita ali o clima ardente da America, o radiar brilhantissimo d'aquella região d'ouro.

Os primeiros artigos do *Pensador* revelam, na sua pujança, o esforço d'uma vontade enorme. Mas trazem ainda por escudo a metaphysica. Combatem em nome da razão e da logica.

Se o illustre collega quizesse lembrar-se que o telescopio rasga a abobada celeste penetrando em novos mundos, a geologia arranca á terra o segredo da sua formação, e o microscopio do materialista penetra até aos confins mais invisiveis do corpo humano para interrogá-lo, para dizer-lhe—quem és?—do que vens?—para onde vaes?—se nisso tudo pensasse, talvez tivera formado uma maior ideia do immenso universo, esquecendo um pouco mais a metaphysica em nome da qual principalmente, e segundo nos parece, se annuncia na lucta.

Seja ainda assim bem vindo o novo e sympathico gladiador.

A sua voz, que sentimos ardente como a de uma grande alma que cre, despertou em nós o mais vivo interesse e sympathia.

Uma longa vida, pois, felicissima e próspera é o que mais desejar nos resta ao novo e estimavel collega d'alem-mar.

D'O *Norte* n.º 181 (Para.)

O *PENSADOR*.—E' este o nome de um novo campeão, que tomou lugar distincto na imprensa maranhense.

Orgão dos interesses de uma sociedade moderna, levantou-se cheio de vida e de forca e tomou lugar na vanguarda dos que trabalham pela causa santa da humanidade.

Escreto em linguagem propria de cavalleiro, por habéis e distinctos escriptores que sabem manejar com mestria e intelligencia a arma poderosa da civilização—a pena—, seu programma é extenso como o pôde ser a esphera do pensamento humano.

Seu fim é arcar contra o mais auda-

cioso inimigo—a theocracia—que pretende levantar suas tendas no solo maranhense, como por todo o cruzeiro.

E', pois, mais um atleta do progresso que, como diz, se ergue para combater esse espirito sacerdotal que tanto sangue tem custado a humanidade.

Investigador do direito, da justiça, da liberdade o *Pensador* procurando com o pensamento rasgar os horizontes do porvir, veio preencher um grande vazio que notavamos entre a picada da imprensa maranhense, desde que alli os padres de Roma hasteram a bandeira da *santa cruzada de Jesus*.

Hoje, porém, que o vimos na brecha dos combatentes, fustigando esses altres de especie humana; nós não podemos furtar-nos ao dever, de congratulando-nos com os obreiros do progresso e da civilização, sandar ao denodado campeão, que lam pujante de forca e de saber acaba de tomar decidida e importante posição na sociedade maranhense.

Que na sua ardua, mas benetica tarefa colha os louros verdejantes da victoria; que na propagação de suas ideias encontre o acolhimento que é de esperar de um povo livre e intelligente; que, finalmente, tenha longa e preciosa duração são os votos que faz o *Noite* cheio de verdadeiro enthusiasmo o comprimenta respeitoso.

Da *Gazeta de Noticias* n.º 227 (Maceió.)

O *PENSADOR*—E' um novo jornal, que se publica em S. Luiz do Maranhão, propriedade de uma associação e orgão dos interesses da sociedade moderna.

O *Pensador*, quando mesmo não se recomendasse por seus escriptos, o titulo apenas lhe traria sympathias. De grande formato, constante de 3 paginas, nido na impressão, por tudo se recommenda. O *Pensador* tem por fim derrocar o tempo pluriatrico, torpe, e immundo das emmiadices da degradação ideal; nada mais do que dar o pão do espirito aos famintos de luz, a quem falsas crenças e fanatismo arrastam para as vergulhas e torpezas socines. Profligar erros, desmanjar absurdos, e evangelisar—o programma do seu santo itinerario. Os seus artigos, todos visam ao fim a que se propõe. Prosa ou verso distingue-se-lhe a pureza da ideia e a santidade do amor da humanidade. O seu primeiro artigo, o editorial, programma, parola, ou como queirão chamar, é um florão de luz, na ideia, e no estylo. Alli a convicção está lateante, palpilhante, nua, pedindo um caution no cerebro, no coração.

Alli as syntheses estão, energicas, variogudas, coloridas, ramificadas por 7 1/2 columnas bombardando o erro, apontando-nos as micras do corpo social, desde o calvario até a infalibilidade papal, desde o povo *eseraco* de Israel até o calvario.

Recomendamos aos nossos leitores esse jornal.

Agradecemos a preciosidade da offerta ao *Pensador* e comprimentamos a sua Redacção, e enviaremos sempre nossa *Gazeta*.

Da *Família Maranica* n.º 130 (Corte.)

O *PENSADOR*.—O actual heiro do Maranhão parece disposto a deixar-se dominar pelos conselhos dos jesuitas, abandonando as boas tradições de prudencia e moderação que na diocese deixou o ultimo prelado.

A imprensa do paiz já se occupou de alguns actos de reacção por elle praticados a medo e como um ensaio para estudar o terreno em que já pisar.

Parece que o resultado o não animou a proseguir e por isso voltou-se agora para a propaganda na imprensa.

A folha creada sob o influo e benção do actual diocesano do Maranhão intitulase *A Civilização*.

Escusado é dizer-se que na doutrina que sustenta está em perfeitto antagonismo com o titulo; e se as ideias alli expellidos fossem o resultado da civilização, mais valera talvez o estado de barbarie.

Felizmente a cidade de S. Luiz do Maranhão, á qual já um alto espirito chamou a *Athenas do Brazil*, não ficou impassivel nem indifferente ante tão extensa propaganda e appoz-lhe logo outro jornal com o titulo que nos serve de epigraphe.

A redacção está confiada a escriptores de valia, que se propõem combater a propaganda da *internacional negra*.

Saudamos-os com a cordialidade que merecem os luctadores sinceros e de boa fé empenhados em uma causa de que somos os ultimos servidores.

D'O *Parnahibano* n.º 6 (Parnahiba.)

PENSADOR.—E' este o nome de um novo periodico, que se conceitua a publicar na capital do Maranhão, dedicado aos «interesses da sociedade moderna.»

O seu programma, todo baseado nos sagrados principios da nossa religião, é bem delizado e extenso.

Saudamos ao novo campeão das letras, e desejamo-lhes risonho futuro.

Do *Cearense* n.º 102 (Ceará.)

O *PENSADOR*.—Com este titulo veio á luz da publicidade em S. Luiz do Maranhão um novo jornal.

Collocando-se em frente da *Civilização* orgão catholico da diocese maranhense o *Pensador* propõe-se sustentar a lucta que supõe imminente entre as seus principios e os de seu collega jornalista.

Que proceda pois com justiça e verdade—é o que lhe desejamos á par desses votos de saudação com que o felicitamos pela sua estreia.

D'O *Liberal da Vigia* n.º 36 (Vigia.)

JORNAL. —Entre os jornales que compoem-se de dignam permatar, recebemos ultimamente os ns. 62, 63, 64 e 65 do *Jornal Agrícola*, e os dois primeiros numeros do *Pensador* folha dedicada a defender os interesses da sociedade moderna, e publicada no Maranhão.

Os editoriales do *Pensador*, que tivemos o prazer de ler, são escriptos em linguagem vigorosa e eloquente, e denotam da parte de seu autor uma vasta e bella intelligencia.

Bemvindo seja o illustre campeão.

Do *Monitor Campista* n.º 234 (Campus.)

IMPRESSA. —Recebemos; O *Pensador*, orgão dos interesses da sociedade moderna, que se publica no Maranhão.

O seu primeiro numero contin varios e bem elaborados artigos.

D'O *Lilador* n.º 10 (Alagoas.)

Recebemos os jornales que com nosco já permitavam, e mais—O *Pensador*, que se publica no Maranhão, importantissimo por seus inimitos artigos.

D'O *Despertador* n.º 1845 (Sl.ª Catharina.)

IMPRESSA. —Fomos obsequiados com os primeiros numeros do novo periodico intitulado *O Pensador*, que conceitua a ser publicado no dia 10 de Setembro deste anno, na capital da provincia do Maranhão. E' orgão dos interesses da sociedade moderna e propriedade de uma associação.

Contêm bem escriptos artigos, dignos de apreciação.
Em occasião oportuna transcreveremos o seu primeiro artigo editorial.
Agradecendo a remessa do illustrado fidador, desejamos-lhe longa e desassombrada carreira.
Com satisfação permularemos com o nosso obscuro periodico.

Do *Publicador Maranhense* n.º 308 (Maranhão.)

O PENSADOR.—E' este o nome d'um novo jornal, *orgão dos interesses da sociedade moderna*, cujo primeiro numero foi ante-hontem distribuido.
Comprimos a illustre collega, desejando-lhe prosperos e longos annos.

Do *Corio do Maranhão* n.º 2124 (Maranhão.)

O PENSADOR.—Recebemos o 1.º numero deste novo periodico, que vio ante-hontem a luz da publicidade.
Fazemos votos para que o novo cam-

peão da imprensa maranhense possa tirar os resultados que almeja.

D'O *Paz* n.º 207 (Maranhão.)

Imprensa.—Sahit hontem o primeiro numero de um novo periodico, o *Pensador*, que se propõe a advogar os interesses geraes.
Comprimos-lhe.

D'A *Flecha* n.º 44 (Maranhão.)

Logo depois da *Civilisação* surgiu o *Pensador*.

Esse pensou melhor e teve a bondade de considerar a Pobre e obscura *Flecha* como collega. Resta saber se o jornal bento o considerará como tal.

O *Pensador* sae menos vezes que o seu antagonista, naturalmente porque leva um tempo a pensar no que tem a dizer. Faz muito bem o collega: e bom pensar maduramente antes de trazer ao publico as suas idéas, mormente quando não se tem a liberdade de escrevel-as n'um latin incompreheavel para os que sabem e para os que não sabem.

Para não ficar atraz do orgão catholico, o orgão dos interesses da sociedade moderna teve tambem o seu baptisado—de musica e foguetes.

A *Flecha* registrando o apparecimento dos dois novos batallhões, deseja do fundo do seu coração:
que a *Civilisação* tenha a sorte da grande precursor de Christo—prezar no deserto;

e que o *Pensador* pense tão bem que todos pensem com elle.

Si assim for, a *Civilisação* os nossos prezamos.—ao *Pensador* um abraço fraternal.

D'O *Liberal* n.º 9 (Maranhão.)

O PENSADOR.—Com este titulo sahiu da typographia do Sr. Frias novo orgão de publicidade, que tem por fim combater preconceitos religiosos, apregando as idéas livres.

Seu 1.º n. teve grande extracção.

D'O *Typographo* n.º 453 (Maranhão.)

PENSADOR.—E' este o titulo de um pe-

riodico, *orgão dos interesses da sociedade moderna*, que acaba de sahiu a luz.

Comprimos a illustre contemporaneo a quem desejamos longa vida.

D'O *Tempo* n.º 36 (Maranhão.)

Recebemos tambem o primeiro numero do *Pensador*, jornal sahido da typographia do Frias; retribuimos a cortezia.

Da *Civilisação*—de sachristia (Maranhão.)

+++++

DA INVOCACÃO:

Fomos informados de que outros jornaes, com que hoje permittimos, tambem se occuparam de nós em frases lisonjeiras, mas infelizmente não recebemos es numero respectivo, razão porque deixamos de mencional-os.

MIMO AOS ASSIGNANTES D'O PENSADOR.

Edifício

INVOCACÃO AO NAZARENO.

Jesus! Oh Tu, que foste dos ceus o mensageiro
Mandado sobre a terra reunir do captivo,
Dos povos opprimidos quebrar duros grilhões!
Oh Tu que sempre calmo, com phrases inspiradas
Chamavas a teu seio as almas transviadas,
Pregando a paz constante!—pasmando as multidões:

Tu, verbo sempiterno,—Divina claridade,
Que as trevas espancou deixando a humanidade
Immersa em mar de luz, de fé e puro amor;
Oh Tu, que, procurando o leito dos afflicto,
Corrias pressuroso aos seus meiores gritos,
Dos labios prodigando allivio á negra dor:

Oh Tu, que resgataste da culpa os peccadores,
Do bem lhes indicando, juncada de mil flores,
Estrada verdadeira d'eterna redempção;
Oh Tu, a cujas plantas a triste Magdalena,
No meio de soluços, co'a fronte tão serena,
Recebe o divino alento d'envolta co'o perdão;

Oh Tu, que complacente, soffreste mil torturas,
Que foste maltractado por trédas creaturas,
Em meio d'uma horda infame de judeus;
Oh Tu, que sobre os hombros, oh martyr verdadeiro,
Calado supportaste o peso do madeiro,
A bem da humanidade, a bem dos filhos teus:

Oh Tu, cuja palavra sonora e radiante,
De idéas grandiosas de paz edificante,
As almas enlevava em mar d'ethérea luz,
Oh Tu, que finalmente completo o itinerario
Por Deus a ti traçado, no cimo do Calvario
Morreste como heroe nos braços d'uma cruz;

De novo á terra baixa! Assim como exotaste
Do templo os vendelhões e a todas castigaste
—Infames que fazião—balcão do santo lar!
Assim tambem expulsa de nós o sacerdote,
—O mensiro que destrue, que busca e tem por norte:
—Fazer de tua igreja um cháos, um lupanar!

Contempla! Eis que chegamos á porta d'um convento,
—Masmorra, onde se avilta humano pensamento;
Asylo de traições, hospicio de sicarios!
—Theatro em cujo palco com ar d'hypocrisia
Actores representam, soberbos de onsuria,
Os crimes mais atrozes!—projectos sanguinarios.

Vês?... A sala é vasta! Risadas estridentes
Retumbam pelo espaço nervosas, resescentes
Dos beijos infernaes gerados nos bordéis!
São elles—sacerdotes que a par das Mossalinas
Misturam o teu nome,—das cousas mais divinas,
Com torpes improperios!—handidos! infieis!

Sedentos do prazeres, em gozos mergulhados
Alguns jazem de rastos, servis, ajoelhados
Aos pés das dissolutas—de corpos semi-nús!
Ovidam teus conselhos, distantes do decoro.
Em grilos infernaes, bravam n'um só coro
Um brinde á corrupção!—despresam-te Jesus!

Eis outros que adormecem dos vinhos nos vapores:
D'envolta com as fadigas mil sonhos seductores!
A mente lhes perpassam—horríveis! sensuaes!
Os membros s'intericam! Dos labios maldictos
Blasphemias se despedem a todas os momentos:
Os rostos s'illumnam de risos bestiaes!

Assim é qui elles vivem! A' sombra dos mosteiros
Em vez de á tua imagem sinceros verdadeiros,
Hosannas enlorem: cotriculos, fervorosos,
Combiavam remidos no plano de peleja;
Que vai d'encontro ás bases da tua santa egreja;
Sem crencas, a virtude postergam crimiñosos!

Com phrases estudadas, affeitos ao cynismo,
Ao templo o povo chamam! Com éra despotismo
Insultam sobranceiros a Livre Consciencia,
—Barreira opposta aos passos funestos, desmarcados,
Dos padres da vil Roma,—conjuetos de maltradas
Que as almas disvirtuam com visos de clemencia!

No seio da familia, no Eden tão ditoso,
Em que a sã virtude em leito perfumoso
Enbala docemente alegres corações,
Ahi elles se acham—humildes, reverentes:
Mirando a perversão das—ponibus innocentes,
Engendram mil promessas, lembrando as seducções.

São esses os ministros, os molres paladinos
Que tractam de abater com actos libertinos
A obra gigantesca que o Verbo teu creou;
São esses que precizam no pezo das grilhetas
As culpas expiar—infames de roupetas
A quem a humanidade inteira abomina!

Esmaça-os! E não deixes que a hydra s'alimente
No seio de teus servos fleis, e de repente
Devore, furiosa, do mundo o coração.
Oh Tu, qu'és a Justiça, que julga o delinquento.
De certo, não serás, ó Christo, complacente.
Infames te conspirem! Oh! dá-lhes—MALDIÇÃO!